

Domingo de Ramos

Papa Leão XIV "Jesus quer reconciliar o mundo no abraço do Pai"

29/03/2026

Queridos irmãos e irmãs,

Enquanto Jesus percorre o caminho da cruz, coloquemo-nos atrás d'Ele, sigamos os seus passos. E, caminhando com Ele, contemplemos a sua paixão pela humanidade, o seu coração que se parte, a sua vida que se torna dom de amor.

Olhemos para Jesus, que se apresenta como *Rei da paz*, enquanto à sua volta se prepara a guerra. Ele, que permanece firme na mansidão, enquanto os outros se agitam na violência. Ele, que se oferece como uma carícia para a humanidade, enquanto outros empunham espadas e paus. Ele, que é a luz do mundo, enquanto as trevas estão prestes a cobrir a terra. Ele, que veio trazer a vida, enquanto se cumpre o plano para o condenar à morte.

Como *Rei da Paz*, Jesus quer reconciliar o mundo no abraço do Pai e derrubar todos os muros que nos separam de Deus e do próximo, porque “Ele é a nossa paz” (Ef 2, 14).

Como *Rei da paz*, entra em Jerusalém montado em um jumento, não em um cavalo, cumprindo a antiga profecia que convidava a exultar pela chegada do Messias: “Eis que o teu rei vem a ti; / Ele é justo e

vitorioso; / vem, humilde, montado em um jumento, / sobre um jumentinho, filho de uma jumenta. / Ele exterminará os carros de guerra da terra de Efraim / e os cavalos de Jerusalém; / o arco de guerra será quebrado. / Proclamará a paz para as nações” (Zc 9, 9-10).

Como *Rei da paz*, quando um dos seus discípulos desembainha a espada para o defender e fere o servo do sumo sacerdote, imediatamente Ele o detém, dizendo: “Mete a tua espada na bainha, pois todos quantos se servirem da espada morrerão à espada” (Mt 26, 52).

Como *Rei da paz*, enquanto era carregado com os nossos sofrimentos e traspassado pelas nossas culpas, Ele “não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador” (Is 53, 7). Não se armou, nem se defendeu, nem travou

nenhuma guerra. Manifestou o rosto manso de Deus, que sempre rejeita a violência, e, em vez de se salvar a si mesmo, deixou-se cravar na cruz, para abraçar todas as cruzes erguidas em cada tempo e lugar da história da humanidade.

Irmãos, irmãs, este é o nosso Deus: *Jesus, Rei da paz*. Um Deus que rejeita a guerra; que ninguém pode usar para justificar a guerra; que não escuta mas rejeita a oração de quem faz a guerra, dizendo: “Podeis multiplicar as vossas preces, que Eu não as atendo. É que as vossas mãos estão cheias de sangue” (*Is 1, 15*).

Olhando para Ele, que foi crucificado por nós, vemos os crucificados da humanidade. Nas suas chagas vemos as feridas de tantas mulheres e homens de hoje. No seu último grito dirigido ao Pai ouvimos o choro de quem se encontra abatido, sem esperança, doente, sozinho. E,

sobretudo, ouvimos o gemido de dor de todos aqueles que são oprimidos pela violência e de todas as vítimas da guerra.

Da sua cruz, Cristo, Rei da paz, ainda clama: Deus é amor! Tende piedade! Deponde as armas, lembrai-vos de que sois irmãos!

Com as palavras do Servo de Deus, o bispo Tonino Bello, gostaria de confiar este clamor à Maria Santíssima, que está ao pé da cruz do Filho e chora também aos pés dos crucificados de hoje:

“Santa Maria, mulher do terceiro dia, dá-nos a certeza de que, apesar de tudo, a morte já não terá mais poder sobre nós. Que os dias das injustiças dos povos estão contados. Que os clarões das guerras se estão a reduzir a luzes crepusculares. Que os sofrimentos dos pobres chegaram aos seus últimos suspiros. [...] E que, finalmente, as lágrimas de todas as

vítimas da violência e da dor em breve secarão, como a geada ao sol da primavera” (*Maria, mulher de nossos dias*).

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/domingo-de-
ramos-2/](https://opusdei.org/pt-br/article/domingo-de-ramos-2/) (30/03/2026)